
ALMEIDA, Rogério Miranda de. **Nietzsche e Freud**: eterno retorno e compulsão à repetição. São Paulo: Loyola, 2005. v. 1. 236 p.

Valéria de Almeida Ghisi

Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
e-mail: val_ghisi@yahoo.com.br

Ao leitor que busque encontrar neste livro apenas a discussão entre conceitos nietzscheanos e freudianos um alerta. Ao ressaltar a escrita enquanto sintoma da compulsão à repetição e possibilidade de um eterno retorno deste de forma constantemente recriada e transformada, o autor, Rogério Miranda de Almeida, aproxima Freud e Nietzsche pelas lentes de Lacan. O recurso a este último autor, ainda um tanto tímido entre os pesquisadores brasileiros, permite que se amplie a discussão dos temas levantados por Nietzsche e Freud. Prova disso é o livro *Nietzsche e Freud: eterno retorno e compulsão à repetição*, no qual Rogério Miranda, ousadamente, afasta-se das interpretações de Walter Kaufman, Martin Heidegger e Gilles Deleuze, e apresenta a sua própria leitura e interpretação acerca da concepção nietzscheana de eterno retorno. Interpretação esta que se encontra mediada pela psicanálise, mais precisamente pela consideração freudiana da existência de uma compulsão à repetição. Que esta compulsão, segundo o autor, outra versão do eterno retorno, seja compreendida como repetição do novo; como busca por significação constantemente reiniciada uma vez que o sujeito é inevitavelmente faltante e a linguagem falha, é o passo além permitido pela leitura lacaniana.

Rogério Miranda de Almeida ressalta constantemente o caráter ambíguo da escrita que revela, simultaneamente ocultando e expondo, a tensão do desejo do sujeito que escreve. A escrita é, na consideração do autor, negociação com a angústia. Angústia de castração por não encontrar o objeto adequado a preencher a falta e calar o desejo e que, por isso mesmo, imprime no humano um movimento constante de construção e destruição. Segundo ele, é na escrita enquanto símbolo que se encontra o caminho para reencontrar o novo, letra que simultaneamente é passagem e obstáculo e por isso não cessa de imprimir a busca por novas significações e simbolizações.

Nesta perspectiva, Rogério Miranda Almeida identifica a escrita de Nietzsche, Freud e Kierkegaard, bem como qualquer escrita, como uma maneira de lidar com a angústia. O que a escrita revela é, para ele, tendência elementar e originária que incessantemente compele o homem a repetir-se, a reiterar-se, a reavaliar-se e, também, a desdizer-se. É por isso que autores como Nietzsche e Freud, cujas idéias são fonte de tão diversas interpretações, revelam não uma deficiência conceitual teórica, mas uma grande saúde, capaz de recriar-se continuamente. Diz ele:

Queremos com isso afirmar que a escrita nietzscheana, a escrita freudiana, a escrita kierkegaardiana, em suma, toda a escrita se apresenta como sintoma da compulsão à repetição na medida em que, através do seu desenrolar, está continuamente abrindo novos caminhos, sondando diferentes terrenos e plantando novas balizas na tentativa de, embora provisoriamente, recuperar uma perda e preencher um hiato que não cessa de alargar-se. (ALMEIDA, 2005, p. 63).

Já no início de seu livro, Rogério Miranda de Almeida nos apresenta a concepção de eterno retorno em Nietzsche. Para tanto, identifica os diversos momentos nos quais o pensamento nietzscheano se dirige a este tema, que se mostra presente desde seus primeiros escritos, e ressalta a formação clássica do autor. Segundo Rogério, foi o contato com o pensamento de Heráclito e Empédocles, de Platão e Aristóteles, de Eudemo e dos estóicos que levou Nietzsche a descobrir a essência grega na crença no eterno retorno.

No segundo capítulo, vemos que da insatisfação de Nietzsche com os pressupostos e dados que utiliza e com o alcance sempre limitado de seus argumentos, advém a contínua necessidade de reelaboração teórica. A escrita é então concebida como uma modalidade de reencontro com o novo, com o ainda não dito que se repete em sua ausência de simbolização. É em Lacan que Rogério encontra a explicação para a falta constituinte do sujeito, que imprime neste uma busca constante por objetos que se revelam sempre parciais e fugidios. Em Nietzsche, o novo se repete como expressão da vontade de construir e destruir e Rogério dedica o segundo capítulo de seu livro à discussão desta afirmação. Na escrita, essencialmente ambígua, o autor encontra a expressão da tensão decorrente da defasagem entre o já significado e o que permanece em suspensão. Seja o *logon* platônico ou a letra lacaniana, trata-se sempre do texto que não se completa e que se estabelece paradoxalmente, como desvelamento e ocultamento de sentido. Assim sendo, a escrita se mostra uma maneira privilegiada de lidar com a angústia uma vez que, diante da falta,

encontramos na escrita a possibilidade de criar novos significados, novas interpretações e também destruir antigos pressupostos.

O reconhecimento da tendência à repetição, que o autor diz encontrar em toda escrita, leva-o ao conceito freudiano de compulsão à repetição. Neste, o autor encontra o ponto de convergência em que as teorias de Nietzsche e de Freud coincidem, complementam-se e esclarecem-se mutuamente. Em um trânsito constante entre as obras de Freud e Nietzsche, em seus diferentes períodos, o autor desenvolve a concepção de compulsão à repetição nas suas relações com os fenômenos da transferência e da resistência, do sonho e do jogo da criança. Da obra freudiana *Além do princípio de prazer* (1920), ressalta o movimento subversivo operado por Freud no que se refere à compreensão do psiquismo, nela Freud apresenta de forma elaborada a compulsão à repetição. Que tal compulsão se evidencia pela transferência é a conclusão que pode ser encontrada com a leitura de Freud e Nietzsche, conforme demonstra Rogério. A transferência enquanto compulsão à repetição se apresenta coercitiva, atemporal e sem finalidade, e constitui o objeto de diversos mitos gregos. Podemos encontrá-la na condenação de Sísifo, Tântalo ou das filhas do rei Dânaos ou na morte e ressurreição de Adônis, sempre apontando para o movimento de compulsão à repetição ou eterno retorno nas formas particulares que revestem a transferência e a resistência. Da mesma forma, o personagem mítico criado por Nietzsche, Zarathustra, não foge à regra e anuncia o eterno retorno.

No quarto capítulo de seu livro, Rogério aborda a compulsão à repetição em sua relação com os sonhos. Inicialmente abordando os textos freudianos e em seguida dirigindo-se aos textos de Nietzsche, o autor encontra no sonho a repetição do desejo. O sonho, considerado enquanto cadeia significativa, permite um perene imaginar e constitui uma atividade artística na qual é possível recriar-se e interpretar-se a si próprio. No sonho, por ser ele também constituído como texto, encontramos novamente a negociação com a angústia, a possibilidade de transformar sofrimento em obra de arte. Nesta dinâmica de sofrimento e prazer, angústia e gozo que encontramos no texto, seja ele escrito ou sonhado, apresenta-se inevitável a referência ao jogo enquanto expressão da compulsão à repetição.

A concepção nietzscheana de devir, inspirada por Heráclito, é expressa freqüentemente pelas metáforas do artista, do fogo, da criança que brinca e do jogo, de forma a ressaltar a contínua mudança e o fluxo constante do desejo. O construir e destruir da criança que brinca ou do artista que, tragicamente, transforma sofrimento em obra de arte ressaltam a inocência

presente neste movimento. Ao homem, brinquedo nas mãos do acaso, cabe a paradoxal posição de sofrente e criador. Em Freud encontramos novamente o recurso ao jogo, agora não mais de forma metafórica, mas a partir de observações. Em *Além do princípio de prazer*, ao analisar o jogo de uma criança pequena, Freud identifica na dialética do *fort-da* uma das grandes aquisições culturais do bebê; a transformação da passividade em atividade. Mediante a repetição do jogo, novamente encontramos a possibilidade de transformar o sofrimento em atividade criativa. Nesse movimento, Rogério, apoiado por Lacan, reconhece na compulsão à repetição a busca pelo novo, um gozo além do prazer, que revela a irredutibilidade do desejo a seus objetos. Objetos sempre insatisfatórios, uma vez que, ao se constituírem como símbolos do desejo, apresentam-se paradoxalmente como presença de ausência.

Perguntando-se sobre as forças que conduzem o homem em sua contínua busca, o autor encerra o quinto capítulo de seu livro discutindo o conceito de pulsão em Freud, com marcante presença da interpretação lacaniana, e em Nietzsche. Desta análise decorre o reconhecimento do movimento constante implicado em forças que se renovam e se transformam indefinidamente. Insatisfação do desejo evidenciada na escrita de autores que, sempre insatisfeitos com seus textos, recriam-se e reinterpretam continuamente, jamais encontrando a definição última e derradeira que colocaria fim à errância do desejo. Nesta perspectiva, encontramos os escritos de Nietzsche, Freud e Kierkegaard, exemplos de textos que não se prestam a interpretações definitivas, ao contrário, sua riqueza consiste justamente na variedade de leituras que suscitam.

No conceito de retomada proposto por Kierkegaard, Rogério encontra o mesmo movimento de repetição na diferença que havia identificado em Nietzsche e em Freud. Neste último capítulo, mais uma vez acompanhamos o autor por diversos períodos da obra de um pensador, neste momento Kierkegaard, de forma a encontrar subsídios para suas reflexões acerca da volta dele. No conceito de retomada, conforme proposto por Kierkegaard, encontramos mais uma vez a compreensão do retorno deste de forma diferente. Tornando seu próprio texto exemplo de suas afirmações, Rogério apresenta, pela terceira vez, o eterno devir traduzido, na obra de Nietzsche no conceito de eterno retorno, por Freud como compulsão à repetição e em Kierkegaard no conceito de retomada. Ao final de seu livro, Rogério propõe que:

A escrita de um pensador é fundamental e ontologicamente inseparável de seu desejo e, por conseguinte, da sua ética e da sua visão de mundo. Pois ela é eterna destruição e construção de valores, ou seja, de leituras e interpretações que, sintomaticamente, apontam para uma insatisfação que nós julgamos mais originária e primordial. (ALMEIDA, 2005, p. 229).

Proposta justificada tanto pela pesquisa teórica do autor quanto por sua própria escrita, que constantemente retoma, repete, traduz Heráclito, Empédocles, Platão, Agostinho, Pascal, Espinosa, Schopenhauer, Kierkegaard, Dostoiévski, Nietzsche, Freud, Lacan e outros.

Assim, encontramos na obra em questão a recusa a qualquer interpretação totalizante que se pretenda definitiva uma vez que o que está em jogo nas vicissitudes da escrita é a eterna tensão do desejo, dialética que nunca se fecha atingindo uma síntese ou *Aufhebung* terminal. Em seu lugar, Rogério nos propõe a ‘escrita do paradoxo’, ressaltando que um pensamento será tanto mais rico quanto mais ambíguo for, justamente pelo fato de suscitar uma vasta diversidade de visões, intuições, interpretações e novas criações.

A esta diversidade de interpretações possíveis para o texto nietzscheano e freudiano, Rogério Miranda de Almeida acrescenta a sua. Que o leitor conclua sobre a pertinência de suas colocações e realize sua própria interpretação nos parece a consideração mais adequada a fazer, uma vez que não se trata da busca pela *Aufhebung* terminal, mas sim da ‘escrita do paradoxo’ e a contínua tensão do desejo que a habita.

Recebido em/Received in: 15/03/2007
Aprovado em/Approved in: 22/03/2007

